



Perfil dos alunos da educação de jovens e adultos em relação à prática de atividade física

Profile of students of youth and adult education in relation to the practice of physical activity

Anna Paula de Mendonça Barros¹, Juliana Cristina de Camargo²

1 - Universidade Federal de Goiás – UFG, Regional Catalão, Catalão, GO, Brasil.

2 - Universidade Federal de Goiás - UFG, Campus Samambaia, Goiânia, GO, Brasil.

RESUMO

Introdução: a atividade física (AF) em ambiente escolar, especificamente ao aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode estruturar situações de ensino-aprendizagem que garantem aos alunos acesso a conhecimentos práticos e conceituais, desenvolvimento de suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento. **Objetivo:** caracterizar o perfil dos alunos da EJA quanto à prática de AF. **Método:** estudo descritivo, quantitativo, realizado com alunos da EJA da rede pública de ensino de um município do estado de Goiás, período noturno. Foi utilizado questionário semiestruturado, autoaplicável e individual com informações referentes aos hábitos diários, meio de transporte utilizado para ir à escola, prática regular de AF (frequência, localidade e duração da prática). Para análise dos dados antropométricos de peso e altura foi utilizado o Índice de Massa Corpórea. **Resultados:** foram analisadas respostas de 72 alunos da EJA sendo 59,7% do gênero feminino e 40,3% do gênero masculino, com idade entre 18 a 51 anos. As alunas apresentaram maior percentual de gordura, indicando sobrepeso e obesidade grau 1. O consumo de bebidas alcoólicas e uso do tabaco foram dominantes entre homens. O sedentarismo foi predominante alegado à falta de tempo demandado pela jornada de trabalho associada aos estudos. **Conclusão:** a prática de AF deve ser incentivada aos alunos da EJA com estratégias que possibilitam motivação e atributos advindos da qualidade de vida.

Palavras-chave:
Saúde do Estudante;
Atividade física;
Qualidade de vida.

ABSTRACT

Introduction: physical activity (PA) in a school environment, specifically among Youth and Adult Education (EJA) students, can structure teaching-learning situations that guarantee student's democratic and nonselective access to practical and conceptual knowledge while also developing potentialities, aiming at their improvement. **Objective:** to establish a profile of EJA students regarding the practice of PA. **Materials and Methods:** this was a descriptive, quantitative study with EJA night students in the public school system of a city in the state of Goiás, Brazil. A semi-structured, self-administered and individualized questionnaire was used with information about daily habits, means of transportation used to attend school, regular PA practice (frequency, location and duration of practice). Weight and height were analyzed using the Body Mass Index. **Results:** we analyzed the responses of 72 EJA students, of which 59.7% were female and 40.3% male, between the ages of 18 to 51 years. The students had a higher percentage of fat, indicating overweight and obesity class 1. Alcohol and tobacco use were dominant among men. A sedentary lifestyle was justified primarily because of lack of time relative to having a job and studying at night. **Conclusion:** the practice of PA should be encouraged to EJA students with strategies that enable motivation and attributes arising from quality of life.

Keywords:
Student Health;
Physical Activity;
Quality of Life.



INTRODUÇÃO

Atividade física (AF) é tudo que envolve contração muscular de qualquer tipo independente da finalidade.¹ Sua prática sendo considerada de grande interesse em saúde pública por favorecer ganhos em setores vitais para o desenvolvimento humano, manutenção da saúde, prevenção de doenças e melhora na qualidade de vida em virtude da economia direta que poderíamos alcançar com o combate do sedentarismo.¹ A AF em ambiente escolar, especificamente ao aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode estruturar situações de ensino-aprendizagem que garante aos alunos acesso a conhecimentos práticos e conceituais, desenvolvimento de suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento.²

A EJA no Brasil é uma modalidade de ensino complexa que envolve dimensões que transcendem a questão educacional, por representar uma maneira de concluir o ensino fundamental e médio fora do tempo regular e se associar com questões políticas e socioeconômicas, que refletem principalmente pontos relacionados ao abandono precoce da escola na busca de uma preparação para o mercado de trabalho, ao atender às necessidades do capitalismo e da economia vigente.³⁻⁵

Esta modalidade de ensino não é nova no Brasil.³⁻⁵ No período colonial, a educação decorria em caráter restrito a parcela da população que poderia pagar por ela, exercendo ação excludente ao desprezar o ensino ao povo.⁶ O descaso com a educação levou o Brasil a alcançar a incrível marca de 72% de analfabetismo no início do século XX, o que forçou o Governo Federal a criar em 1934 o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a EJA com o ensino primário integral obrigatório e gratuito.¹ Pressionado por entidades internacionais como ONU (Organização das Nações Unidas) e UNESCO (Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), que incentivavam a erradicação do analfabetismo nas ditas “nações atrasadas”, o governo brasileiro implementa a campanha nacional de erradicação do analfabetismo que estabelece novas discussões sobre a educação de jovens e adultos.^{3,6,7}

Na década de 1960, o método Paulo Freire modifica o cenário da educação de jovens e adulto é transformar sujeitos meramente alfabetizados, em sujeitos com possibilidades de exercer

sua cidadania.^{3,5-7} Este método foi substituído posteriormente pelo programa Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), onde a EJA foi apresentada como medida compensatória, em que o título de formação na educação era mais importante do que o processo e a qualidade do ensino.⁸

Nota-se que a EJA é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988, que trouxe a garantia de Educação para Todos, reforçada mais tarde pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996.^{3,6,9} Assim, esta modalidade de ensino pode ser considerada como um grande marco na evolução da educação brasileira ao permitir aos alunos que não conseguiram terminar os seus estudos por qualquer motivo, fazê-lo em menor tempo e associar o estudo ao trabalho, sendo muito comum aulas no período noturno.⁸

No que se refere à prática de AF no ambiente escolar da EJA, é importante observar que embora a disciplina de Educação Física (EF) faça parte do componente curricular, a mesma é facultativa ao aluno que: cumpre jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; tenha idade maior que 30 anos; estiver prestando serviço militar inicial e; que tenha prole; ocasionando aos alunos desta modalidade de ensino, desmotivação ou até mesmo restrição da oferta desta prática pedagógica na instituição escolar devido a esta facultatividade.¹⁰

É importante ressaltar que a EJA trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores socioculturais como raça/etnia, cor, gênero, subempregos, desempregos, trabalhos informais, que representam múltiplas apartações que a sociedade brasileira excludente promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente.¹¹

A EF promove diálogos que têm como pano de fundo a preocupação com os rumos da EJA por meio de um currículo emancipatório¹² ao introduzir e integrar o aluno, formar o cidadão que irá produzir, reproduzir e transformar a cultura da prática corporal, além de propiciar condições aos alunos de obter autonomia para monitorar as próprias atividades, regular o esforço, traçar metas, conhecer as potencialidades e limitações, distinguir situações de trabalho corporal e, estabelecer e respeitar as dimensões sociais,

econômicas, culturais, cognitivas e afetivas do jovem e do adulto em situação de aprendizagem escolar.^{12,13}

O processo de ensino e aprendizagem em EF aos alunos da EJA não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.^{12,13} Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social)¹². O professor de EF na EJA deve ser o responsável pela elaboração de um planejamento dinâmico, que atenda às necessidades e interesses dos alunos, aliando conteúdos da cultura local às novas tendências de AF, ao associar experiências da vida cotidiana de forma espontânea, proporcionar aprendizagem mais significativa e trazer novos significados aos alunos.¹²⁻¹⁴

Ao compreender a dimensão ampliada da prática de AF e da importância do componente disciplinar da EF na formação de alunos da EJA, surgiram os questionamentos que nortearam o desenvolvimento deste estudo: qual o perfil do aluno da EJA que pratica AF e o que conhece sobre os benefícios adquiridos desta prática? A fim de identificar esses questionamentos, optou-se por investigar a realidade de alunos desta modalidade de ensino de um município goiano, com o objetivo de caracterizar o perfil dos alunos da EJA quanto à prática de AF.

MÉTODO

Estudo descritivo com abordagem quantitativa realizado com alunos da EJA, período noturno, da rede pública de ensino de um município do estado de Goiás. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, sob o parecer 2.538.011 em 12 de março de 2018, CAAE: 80539917.3.0000.5083, sob anuência da diretoria geral da instituição. Estudos desta natureza visam descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e/ou observação sistemática.¹⁵

Durante o período de coletas, a instituição em estudo possuía seis turmas (módulos) de EJA no período noturno, sendo três do ensino fundamental e

três do ensino médio, com um total de 259 alunos. Para compor a amostra deste estudo, optou-se por alunos que estiverem cursando o módulo do ensino médio. A amostra constituiu de 72 alunos que após aceitação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Apenas os dados consentidos foram incluídos na pesquisa.

Para a coleta de dados foi utilizado questionário semiestruturado, autoaplicável e individual com informações referentes ao perfil dos alunos do EJA sobre: hábitos diários, meio de transporte utilizado para ir à escola, prática regular de AF (frequência, localidade e duração da prática).

Para análise dos dados antropométrico peso e altura autorreferido dos alunos foi utilizado o Índice de Massa Corpórea (IMC), que é encontrado com a divisão do peso corporal em quilogramas pela estatura em metros elevada ao quadrado, sendo a classificação do IMC para adultos-jovens, de acordo com os padrões da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS)¹⁶ como: Baixo Peso (< 18,5); Eutrófico ($\geq 18,5$ e < 25); Sobrepeso (≥ 25 e < 30); Obesidade (≥ 30) e Obesidade Mórbida (acima de 40).

A tabulação dos dados foi realizada pelo Microsoft Excel[®] 2013. Em seguida, foram elaboradas tabelas para análise dos resultados com discussão dos resultados conforme literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas respostas de 72 alunos da modalidade EJA do período noturno, destes 59,7% (n=43) eram do gênero feminino e 40,3% (n=29) do gênero masculino, com idade variando entre 18 a 51 anos.

A Tabela 1 apresenta os dados referentes ao peso, altura, IMC das alunas da instituição em estudo. Em relação à faixa etária, 35% (n=15) tinham idade entre 20 a 25 anos.

O cálculo do IMC é o indicador antropométrico mais utilizado para avaliação nutricional por ser uma medida facilmente aplicável, não invasiva, de baixo custo, sendo comum para diagnosticar o percentual de gordura devido à facilidade de obtenção e padronização das medidas de peso e altura, além de possuir alta correlação com a massa corporal e indicadores de composição corporal sem necessitar comparação com curvas de referência.^{16,17} O IMC

é ferramenta importante para avaliação, prevenção e controle de sobrepeso, obesidade e promoção da saúde, e deve ser aplicado nas aulas de educação física em todas as modalidades de ensino.¹⁷

As alunas na faixa etária entre 18 a 25 anos e 41 a 50 anos foram consideradas eutróficas (IMC 23,67 Kg/m²) representando 60,5% (n=26) das participantes do estudo. A faixa etária de 26 a 35 anos e maiores de 51 anos constituiu 27,9% (n=12) apresentaram sobrepeso (IMC 26,39Kg/m²). Já 11,6% (n=5) das alunas encontravam-se na faixa etária de 36 a 40 anos, apresentaram IMC preocupante, caracterizado por obesidade grau 1 (IMC 30,04kg/m²). Nenhuma das alunas do estudo apresentou baixo peso.

Tabela 1 - Peso em relação à altura e IMC, delimitado por faixas etárias de alunas de EJA, período noturno, valores médios.

Idade (anos)	Quant. de Alunas		Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
	n	%			
18-19	09	20,9	60,4	1,62	23,02
20-25	15	35,0	62,3	1,61	24,03
26-30	06	14,0	66,0	1,58	26,43
31-35	05	11,6	60,8	1,52	26,31
36-40	05	11,6	75,5	1,58	30,04
41-45	01	2,3	60,0	1,60	23,43
46-50	01	2,3	63,0	1,65	23,14
+ de 51	01	2,3	65,0	1,58	26,03

IMC= índice de massa corpórea

A Tabela 2 descreve os valores médios de peso, altura, IMC dos alunos. A faixa etária predominante 44,8% (n=13) foi entre 20 a 25 anos, valor semelhante ao encontrado no gênero feminino.

Tabela 2 - Peso em relação à altura e o IMC, delimitado por faixas etárias de alunos de EJA, período noturno, valores médios.

Idade (anos)	Quant. de Alunos		Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
	n	%			
18-19	10	34,5	72,1	1,70	24,94
20-25	13	44,8	66,58	1,70	23,03
26-30	04	13,8	75,88	1,72	25,64
31-40	02	6,9	77,0	1,70	26,64

IMC= índice de massa corpórea

Entre os homens, 79,3% (n=23) encontravam-se na faixa etária de 18 a 25 anos, foram considerado

eutróficos (IMC 23,98kg/m²) e 20,7% (n=06) apresentaram sobrepeso (26,14 kg/m²) nas demais faixas etárias.

Ao comparar os dados entre ambos os gêneros, observa-se entre as mulheres maior percentual de gordura, indicativo de sobrepeso e/ou obesidade grau 1. Pesquisas^{17,18} que utilizaram o IMC como avaliação nutricional realizados com escolares do EJA demonstrou semelhanças aos dados deste estudo, ao afirmar que mulheres tem uma maior tendência em adquirir obesidade e sobrepeso em comparação aos homens.

Foi investigada a adoção de comportamentos negativos à saúde. Em relação ao consumo de bebida alcoólica 31% dos alunos de ambos os gêneros (16 homens; 06 mulheres) afirmaram uso frequente. A Pesquisa¹⁹ Nacional de Saúde realizada em 2013 constatou que o uso de álcool é mais elevado em homens que em mulheres na faixa etária de 25 a 34 anos, o que corrobora com os achados deste estudo. Importante ressaltar que não foi averiguado o consumo associado à frequência do álcool.

O uso do tabaco foi confirmado por 14% dos alunos do estudo em ambos os gêneros (08 homens e 02 mulheres), evidenciando maior frequência entre homens. O que corrobora com os achado de Silva et al.²⁰ que analisaram que o consumo do tabaco entre o gênero masculino foi aproximadamente quatro vezes maior que o feminino.

Quanto às doenças pré-existentes, 21,6% (n=22) dos alunos da EJA confirmaram algum agravo crônico, sendo: 18,9% hipertensão arterial sistêmica (HAS) (06 homens; 13 mulheres) e depressão em 2,7% (n=3 do gênero feminino), presentes na faixa etária de 26 a 50 anos em ambos os gêneros. Observa-se predomínio de agravos crônicos entre alunas do EJA, associado às que apresentaram IMC equivalente a sobrepeso e obesidade grau 1, e entre os alunos todos (n=6) que referiram ter HAS afirmaram fazer uso de bebidas alcoólicas.

Alunos expostos ao excesso de peso, tabaco e bebidas alcoólicas, associado a agravos crônicos como HAS e depressão, além de proporcionar fatores de risco à saúde, apresentam possibilidade de atraso escolar ao comparado com alunos em situação de não-exposição.²¹ As instituições de ensino devem-se atentar e investigar sobre questões de saúde entre os alunos da EJA com o intuito de prevenir e combater determinantes de risco a saúde,²¹ ao implementar

programas que promovam qualidade de vida e incentivo a práticas de AF, sobretudo com estímulo em disciplinas como a EF escolar.

Buscou-se investigar o meio de transporte é utilizado pelos alunos da EJA para deslocamento até a escola e o tempo realizado.

O uso de motocicleta foi citado por 43% (n=31) dos alunos, seguido por carro 19,5% (n=14), ambos com tempo de percurso menor que 10 minutos. O uso da bicicleta foi indicado por 19,5% (n=14) e 13,9% (n=10) referiram ir a pé à escola, ambos com tempo médio entre 15 a 20 minutos. O uso de ônibus foi citado por 4,1% (n=3), com tempo de percurso maior que 30 minutos. Importante ressaltar que os alunos usuários deste meio de transporte eram moradores de outros municípios.

De acordo as variáveis analisadas, percebe-se que 62,5% dos alunos vão à escola conduzindo motocicletas e carros, vale destacar que historicamente os alunos da EJA são trabalhadores e utilizam o período noturno para complementar os estudos, saindo do trabalho direto para a escola. Pode-se justificar a grande utilização de veículos devido ao cansaço diário e também ao curto espaço de tempo decorrente entre a saída do trabalho e chegada à escola.

O uso da bicicleta como meio de transporte tem demonstrado ser benéfico por oferecer vantagens à saúde de quem pedala ao praticar AF¹⁶ e juntamente com a caminhada realizadas durante o percurso até a escola, promove bem-estar e melhora da qualidade de vida do estudante. Faz-se necessário propor alternativas de incentivo aos alunos da EJA o uso de outros meios, visto que o uso de transporte ativo (bicicleta ou à pé) promove diminuição do estresse, favorece experiências positivas e de bom humor, assim como a satisfação pessoal ao fazer a opção por essa modalidade.²²

Seja por meio do transporte motorizado (carros, motocicletas, ônibus) ou por transporte ativo (bicicleta ou a pé), a mobilidade nas cidades vem sendo cada vez mais estudada levando em conta questões referentes à sustentabilidade e qualidade de vida, resultando no que denomina mobilidade urbana sustentável.²² Investigar o tipo de transporte utilizado por alunos da EJA no deslocamento até a escola representa importante ferramenta para manter-se ativo e favorecer melhor qualidade de vida ao estudante.

Os alunos da EJA foram investigados quanto a prática de AF, descritos na Tabela 3.

Tabela 3 - Prática de atividade física dos alunos de EJA, período noturno.

	Não praticam AF		Praticam AF	
	n	%	n	%
Homens	8	21,6	21	60
Mulheres	29	78,4	14	40

AF= atividade física

A prática regular de AF foi afirmada por 48,6% (n=35) dos estudantes da EJA na faixa etária entre 18 a 30 anos, sendo mais frequente entre os homens que em mulheres.

Destes, 34,3% (n=29) referiram satisfação e/ou bem estar pós AF, 10,6% (n=4) cansaço e 3,7% (n=2) relaxados e/ou tranquilos. Academias particulares foram referidas como local preferencial para prática de AF por 20% (n=19) dos alunos, seguido de 19,3% (n=18) em áreas públicas municipais e 9,3% (n=2) afirmaram que praticam AF exclusivamente nas atividades de EF oferecido na escola. Cabe ressaltar que na instituição investigada, a disciplina de EF é facultativa aos alunos da EJA.

A “não prática” de AF foi confirmada por 51,4% (n=37) dos estudantes da EJA, com idade entre 31 a mais de 51 anos. As mulheres apresentaram maior índice de sedentarismo, que confirma com os achados de percentual de gordura pelo IMC, que indicaram sobrepeso e/ou obesidade grau 1 em relação aos homens. Quando questionados aos estudantes sedentários quanto à oportunidade de praticar AF, 47,3% (n=34) declararam desejo em realizar AF regular, porém 4,1% (n=3) mencionaram que mesmo assim não praticariam AF alegando falta de tempo demandada pela jornada de trabalho associada aos estudos.

Todos os alunos foram questionados se a prática de AF demanda tempo em sua realização, 85,1% (n=61) declaram que não, alegando que o tempo gasto nas atividades poderia refletir em ganhos na qualidade de vida e bem estar. Os alunos que referiam que AF demanda tempo de dedicação atribuíram esta não prática ao cansaço associado aos estudos e jornada de trabalho.

O aluno da EJA por ter sofrido desvios no seu percurso escolar, pode encontrar maior dificuldade na adesão a prática de AF regular e em cursar educação física na escola e, conseqüentemente, atingir os objetivos esperados no bem estra físico proporcionado por esta atividade.

A EF escolar, apesar de ser facultativa, deve ser incentivada aos alunos da EJA e ser ministrada por um professor qualificado, graduado e licenciado em EF, o qual deverá apresentar propostas fidedignas com o cotidiano desses alunos e as dificuldades físicas e motivacionais de cada um, aprimorando informações referentes aos agravos crônicos e suas relações associadas ao sedentarismo.²³ Estudos demonstram que o sedentarismo apresentado pela falta de AF é considerado um fator de risco para doenças cardiovasculares como a HAS e agravos crônicos com a depressão, não apenas pela inatividade, mas também pela prática irregular de AF.^{17,19}

O conhecimento e o controle do corpo de praticantes de AF regular permite autoconhecimento no desempenho, adequando ao grau de exigência e de dificuldade dos exercícios, ao compreender as relações entre a prática de atividades corporais, o desenvolvimento das capacidades físicas e os benefícios que trazem à saúde.⁹

CONCLUSÃO

Este estudo buscou caracterizar o perfil dos alunos da EJA da rede pública de ensino de um município do estado de Goiás, período noturno, quanto a prática de AF. Foram analisadas respostas de 72 estudantes sendo 59,7% do gênero feminino e 40,3% do gênero masculino, cuja faixa etária predominante foi entre 20 a 25 anos.

As alunas apresentaram percentual de gordura pelo IMC, mais preocupante que aos alunos, indicando sobrepeso em 27,9% e 11,6% por obesidade grau 1. Esses valores foram evidentes nas faixas etárias entre 26 a 40 anos. Nenhum estudante apresentou baixo peso.

Quanto à adoção de comportamentos negativos à saúde, 31% dos estudantes afirmaram consumir bebidas alcoólicas, sendo mais frequente entre homens, sendo o uso do tabaco aproximadamente quatro vezes maior nos homens. Mulheres referiram maior incidência de agravos crônicos (HAS e depressão), percentual de gordura, indicativo de sobrepeso e obesidade com sedentarismo, na faixa etária de 26 a 50 anos. Entre os homens que referiram ter HAS, foi associado o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco.

O uso de transporte ativo (bicicleta ou a pé) foi referido por 33,4% dos estudantes, com tempo médio de deslocamento entre 15 a 20 minutos. Esta

prática promove bem-estar, melhora da qualidade de vida do estudante e deve ser incentivada entre os estudantes da EJA.

A prática regular de AF foi afirmada por 48,6% dos estudantes da EJA na faixa etária entre 18 a 30 anos, sendo mais frequente entre os homens que em mulheres. Destes, 34,3% referiram satisfação e/ou bem estar pós AF, 10,6% cansaço e 3,7% relaxados e/ou tranquilos. As academias particulares foram referidas como local preferencial para prática de AF, seguido das áreas públicas municipais; 9,3% dos alunos afirmaram que praticam AF exclusivamente nas atividades de EF oferecido na escola. Cabe ressaltar que na instituição investigada, a disciplina de EF é facultativa aos alunos da EJA.

Uma vez que a EF é oferecida na instituição em ensino avaliada, porém como disciplina facultativa aos alunos da EJA, esta deve ser incentivada como alternativa de prática de AF ao apresentar estratégias de atividades/modalidades que possam despertar no estudante motivação quanto à prática e atributos advindos da qualidade de vida.

O sedentarismo (“não prática” de AF) foi confirmado por 51,4% dos estudantes da EJA, com idade predominante entre 31 a mais de 51 anos. Quando questionados quanto a oportunidade de praticar AF 47,3% dos estudantes declararam desejo em realizar AF regular, porém 4,1% mencionaram que mesmo assim não praticariam AF, alegando falta de tempo demandada pela jornada de trabalho associada aos estudos.

Todos os alunos foram questionados se a prática de AF demanda tempo e 85,1% afirmam que não, declarando que os tempos gastos nas atividades poderiam refletir em ganhos na qualidade de vida e bem estar. Os alunos que referiam que AF demanda tempo de dedicação atribuíram esta “não prática” ao cansaço associado aos estudos e jornada de trabalho.

Este estudo apresenta aspectos relevantes quanto à saúde do escolar: de um lado tem-se a EJA, modalidade de ensino que ao longo dos anos vem sofrendo pouco incentivo na qualidade da formação do estudante por parte do Estado, uma vez que o aluno tem que associar trabalho ao estudo e, de outro a EF escolar que mesmo presente na LDB, a própria legislação deixa lacunas quanto à importância e obrigatoriedade em todas as modalidades de ensino, evidenciando poucas informações relacionadas à prática da EF na EJA.

A prática de AF na EJA precisa ser incorporada e incentivada nas instituições de ensino por favorecer ganhos na manutenção da saúde, prevenção de doenças, promoção da saúde, melhora na qualidade de vida e rendimento escolar, além de trabalhar questões de saúde pública.

O estudo apresenta algumas limitações como indicadores autorreferidos de peso e altura, com possibilidade de subestimação e associações que podem não indicar causalidade de percentual de gordura entre os estudantes e, a amostra tem sido realizada somente com estudantes de um único período e ciclo do EJA, o que sugere que novos estudos sejam realizados para maior avaliação e comparação dos dados apresentados. Recomenda-se a implementação de políticas públicas que valorizem e incentivem a prática de AF entre os alunos da EJA, visto que a escola tem papel fundamental no contexto social e formação do aluno podendo propiciar uma educação de qualidade que priorize benefícios adquiridos da prática de atividade física.

REFERÊNCIAS

1. Mattos AD, Santos JFS, Cardoso PR, Antonio T. Atividade física na sociedade tecnológica. *Revista Digital - Buenos Aires*; 2006. 94(1). Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd94/tecno.htm>>.
2. Silva AF, Oliveira MV, Oliveira SHA, Santos DF, Souza FG, Matos JPR, Figueiredo SAD. Risco coronariano em escolares da educação de jovens e adultos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto - RPCD*. 2017; 3A: 112-21. Disponível em: <<https://rpcd.fade.up.pt/entradaPT.html>>.
3. Strelhow TB. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. *RevHistedbr On-line*, 2010; 38(1): 49-59. doi:<https://doi.org/10.20396/rho.v10i38.8639689>
4. Furlanetto KA, Cunha MM. Educação de Jovens e Adultos para a conquista da cidadania. *EvenPedagóg*, 2014; 5(2): 171-80. doi: <https://doi.org/10.30681/2236-3165>
5. Araújo AKB. “Agora posso ler”: elas na Educação de Jovens e Adultos. *Even Pedagóg*, 2016; 7(2): 215-28. doi: <https://doi.org/10.30681/2236-3165>
6. Haddad S, Di Pierro MC. Escolarização de Jovens e adultos. *RevBrasEduc. Mai - Ago, 2000.*; 14(1): 108-94.
7. Soares L, Giovannetti MA, Gomes NL. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 296p.
8. Silva NN. Juventude, EJA e Relações Raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
9. Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Documento Base. Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio. PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Brasília – DF, 2007. 72p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>.
10. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>.
11. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>.
12. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>.
13. Darido SC. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2004; 18(1): 61-80. doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092004000100006>
14. Farinatti PTV, Ferreira MS. Saúde, promoção da saúde e educação física. Rio de Janeiro. Editora da UERJ. 2006.
15. Gil, AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Vigilância alimentar e nutricional - SISVAN: orientações básicas para a coleta, processamento, análise de dados e informação em serviços de saúde. [Andressa Araújo Fagundes et al.]. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 120p. Disponível em: <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/orientacoes_basicas_sisvan.pdf>.
17. Silva, SA. Obesidade em alunos da educação de jovens e adultos (EJA) da escola municipal de ensino fundamental João Vieira Maciel. 2013. 30 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Santana do Ipanema-AL, 2013.
18. Silva AF, Oliveira MV, Oliveira SHA, Santos DF, Souza FG, Matos JPR, Figueiredo SAD. Risco coronariano em escolares da educação de jovens e adultos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2017; 3A: 112-21. Disponível em: <<https://rpcd.fade.up.pt/entradaPT.html>>.
19. Machado IE, Monteiro MG, Malta DC, Lana FCF. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: relação entre uso de álcool e características sociodemográficas segundo o sexo no Brasil. *Rev Bras Epidemiol* 2017;20(3):408-22. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201700030005>
20. Silva EF, Laste G, Torres RLT, Hidalgo MPL, Stroher R, Torres ILS. Consumo de álcool e tabaco: fator de risco para doença cardiovascular em população idosa do sul do Brasil. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano* 2017;5(1):23-33. doi: <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v5i1.2339>
21. Almeida ATC, Araújo Júnior IT. Efeitos da exposição aos fatores de risco comportamentais à saúde sobre o atraso escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Economia* 2016;70(2):129–69. doi: <http://dx.doi.org/10.5935/0034-7140.20160007>
22. Olekszechen N, Battiston M, Kuhnen A. Uso da bicicleta

como meio de transporte nos estudos pessoa-ambiente. *Desenvolv. Meio Ambiente* 2016;36(1):355-69. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v36i0>

23. Pereira A. Educação física para jovens e adultos (EJA) em uma escola de Campina Grande- PB. Monografia (graduação em educação física). 2011. 99f.

Recebido em: 18/02/2019

Aceito em: 12/07/2019

Como citar: BARROS, Anna Paula Mendonça; CAMARGO, Juliana Cristina. Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos em relação à prática de atividade física. *Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde*, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 1, jan. 2019. ISSN 2595-3664. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/13200>>. Acesso em: 02 jan. 2019. doi:<https://doi.org/10.17058/rips.v2i1.13200>